

Entre a Utopia e a Atopia: a experiência do Programa Lomba do Pinheiro, Memória, Informação & Cidadania, Porto Alegre-RS

*Ana Maria Dalla Zen**

Resumo

Este artigo analisa uma experiência de interatividade entre o ensino, a pesquisa e a extensão universitária realizada pelo curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em parceria com o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, RS, intitulado “Programa Lomba do Pinheiro: memória, informação e cidadania”. Trata-se de um programa criado para construir, num processo de gestão participativa entre a Universidade, o Museu Comunitário da Lomba e a população do Bairro da Lomba do Pinheiro, alternativas para recuperação da memória social da e das histórias de vida individual dos moradores do bairro. Através do incentivo ao fortalecimento do sentimento de pertencimento, a valorização da autoestima e o empoderamento do território pela comunidade, objetivava-se contribuir para reverter os altos índices de exclusão socioeconômica das pessoas atendidas. Através da metodologia da história oral, sob a forma de uma pesquisa-ação, incluiu rodas de memória com antigos moradores, exposições itinerantes, sob a forma de museus de rua, oficinas de educação patrimonial e um programa de turismo ecológico local. Os resultados revelam que a experiência vem obtendo sucesso na conexão entre o ensino, a pesquisa e a extensão universitária na superação de problemas sociais. Foi envolvido, no âmbito acadêmico, vinte e cinco disciplinas, trinta bolsistas e trinta professores do curso de Museologia, e, no âmbito comunitário, cerca de três mil pessoas. O alcance da proposta pode ser medido pelos elevados índices de participação e envolvimento dos alunos do ensino fundamental e médio, professores e donas de casa em todo o processo de planejamento participativo e nas ações realizadas. Conclui-se que a iniciativa é uma estratégia adequada de integração do ensino de sala de aula numa proposta de ação comunitária, concretizada através de reflexões teórico-metodológicas em torno de um processo integrado de ensino, pesquisa e extensão universitária.

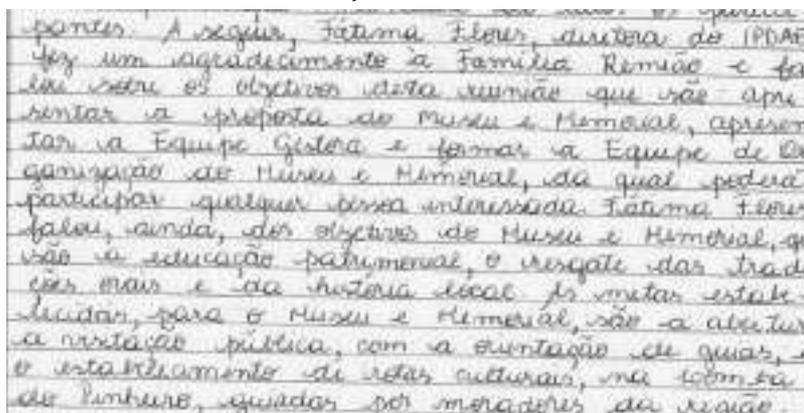
Palavras-chave: Museologia. Ação educativa. Museus comunitários. Patrimônio imaterial.

Introdução

Da utopia à atopia, assim podemos caracterizar o percurso do *Programa Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania*, que, desde 2008, é realizado em parceria pelo curso de Museologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, sob a forma de interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão no currículo do curso de Museologia.

Utopia, termo grego que significa um não-lugar, um lugar que não existe, que traz consigo a ideia de uma realidade imaginária, fantástica, é a tradução mais precisa do sonho que nos moveu ao dar início a este projeto. Um sonho ainda não realizado, uma esperança muito forte de inserção do curso de Museologia na Lomba do Pinheiro, para integrar-se à proposta de um museu comunitário que, como descreve Varine (2012), preocupa-se com as pessoas, com o território e com o seu patrimônio. Num bairro situado na periferia da cidade, a presença de um museu foi exigência da própria comunidade, que exigiu a sua criação, integrado ao Instituto Popular de Arte e Educação (IPDAE), organização não governamental criada em 1998, com o objetivo construir alternativas inclusivas para a comunidade, em especial em torno da música e da leitura. Desse modo, em 27 de janeiro de 2005 o Museu foi criado, junto com o Memorial da Família Remião, em prédio cedido por essa família. Já naquela data, foram propostas as suas funções, como se pode ver no documento abaixo (figura 1):

Figura 1 – Ata de criação do Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, 27 de janeiro de 2005



Fonte: Livro de Atas, IPDAE.

Ou seja, o registro da história local, a educação patrimonial, o estabelecimento de rotas culturais e a criação de guias locais, foram os focos eleitos pelo Museu, que viriam a ser o foco do Programa, a partir de projeto de gestão coletiva entre o Museu, a Universidade e a comunidade. O Museu tornou-se, assim, um lugar permanente de troca de saberes e de conhecimentos entre os três parceiros, facilitando ações para que a comunidade se apropriasse de sua memória para enriquecer as relações sociais no seu interior, desenvolver a consciência da própria história. Desse modo, converteu-se num lugar de reflexão, crítica e ação transformadora.

A superação dos altos índices de vulnerabilidade social se constituiu, desde o início, como a meta a ser atingida, através de ações voltadas para aumentar a autoestima e incentivar entre os moradores o sentido de pertencimento ao seu território. E, nessa imersão comunitária, as definições e delineamento das ações se constituíram sempre no resultado de permanente discussão entre as lideranças comunitárias, o Museu e a Universidade.

Essa foi a nossa utopia. A sua transformação numa atopia, que é “[...] uma situação que está fora do lugar próprio, ou que seguiu o caminho errado”¹, e foi acontecendo aos poucos, a tal ponto que hoje o Programa persiste, só que de forma totalmente diferente daquilo que foi imaginado em seu início.

Assim, nos itens que seguem neste artigo, será feita uma reflexão teórico-metodológica em torno do Programa, com o objetivo de responder às seguintes indagações: até que ponto ele se converteu numa proposta interativa de ensino, pesquisa e extensão universitária? E, nessa linha, como se avalia a sua contribuição para o fortalecimento da comunidade? Para respondê-las, iniciaremos por uma breve imersão na história do Programa, acompanhada por uma sintética reflexão teórica em torno da função social da universidade, da relação entre extensão e comunicação e sobre o papel dos museus comunitários no desenvolvimento e mudança social.

Feito isso, os resultados obtidos serão interpretados, à luz da teoria e da prática, e, finalmente, serão tecidas algumas

considerações finais, numa perspectiva de avaliação qualitativa, própria para uma proposta desse gênero. A quantificação, nesse enfoque, serve apenas como referência da avaliação que se deseja, calcada nas expectativas, sonhos e alternativas encontradas pelo Programa para reverter os indesejados índices de exclusão social daquelas pessoas. E, no âmbito acadêmico, para avaliar a própria função da universidade, enquanto instituição pública e gratuita, responsável direta pela proposição de alternativas de construção de um mundo melhor e mais justo.

A tessitura teórico-metodológica

No ano de 2009, a então diretora do Museu, professora Cláudia Feijó da Silva, propôs uma parceria com o recém-criado curso de Museologia da UFRGS, para a criação de um projeto que reunisse as duas instituições em ações voltadas à Museologia Social, tendo sido assim criado o Programa *Lomba do Pinheiro, Memória, Informação e Cidadania*. A sua tessitura teórico-metodológica, desde o primeiro momento, contemplou uma trama interdisciplinar, complexa e inclusiva, calcada no conceito de complexidade, proposto por Morin (1998). A sua justificativa podia ser facilmente encontrada nas palavras de Boaventura de Sousa Santos (1996), que afirma ser a extensão universitária, enquanto atividade de aplicação do conhecimento e do ensino gerados na academia, uma necessidade inadiável das universidades públicas, em especial as latino-americanas, que só têm razão de ser na medida em que assumam um compromisso ético de reversão da exclusão social daqueles que não ingressam em seus espaços. Nessa linha, as ações previstas no Programa se constituíram numa rede indissolúvel entre o ensino, a pesquisa e a extensão, onde o que está sendo ensinado em sala de aula e o que está sendo investigado nas pesquisas é diretamente revertido nas propostas levadas a efeito no Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro. Além disso, foram ignoradas as tradicionais compartimentações do conhecimento em disciplinas isoladas, substituídas por olhares transdisciplinares e solidários, o que

permitiu a tessitura de reflexões a um só tempo racionais, subjetivas, sensíveis e emotivas. Sem essa trama, teria sido impossível a Universidade atuar junto com o Museu e com as pessoas da Lomba do Pinheiro.

Desde o início, o Museu já se destacara como uma referência na área social junto à comunidade. A busca de alternativas mais inclusivas se operacionalizou através do oferecimento de um curso que preparava os alunos interessados em ingressar no ensino superior; de oficinas de produção audiovisual, xadrez, mapeamento cultural, artesanato, entre outros; da montagem de uma sala de acesso à Internet, de uma biblioteca comunitária que, além de facilitar o acesso a livros e revistas, também promove oficinas de leitura e produção textual. Desse modo, desde a sua criação ele atuou em consonância com as diretrizes da Política Nacional de Cultura (BRASIL, 1974) e do Plano Nacional de Cultura (BRASIL, 2007), ao fazer uso de diferentes estratégias para envolver a comunidade em atividades de inclusão e mudança social através da cultura, no que se refere à criação de novos espaços de desenvolvimento e inclusão tendo como referências a reapropriação da história local, o reconhecimento do território e do patrimônio.

A Educação para o Patrimônio, calcada especialmente em Varine e Priosti (2007), contribuiu com alguns subsídios teóricos-metodológicos e filosóficos igualmente necessários. Repensar e reconstruir os lugares que habitam, valorizar as estratégias de sobrevivência encontradas, através da preservação de seu patrimônio, foram as estratégias utilizadas para permitir que as pessoas se empoderassem de suas existências como cidadãos, sem perder de foco a noção de que o passado persiste no presente e principalmente na realidade em que as pessoas hoje circulam, e especialmente contribui para subsidiar as perspectivas da comunidade.

O registro das vivências, emoções e sentimentos da comunidade calçou-se nas narrativas dos sujeitos, reunidas sob a forma de rodas de memória. A metodologia da história oral foi utilizada com sucesso para o registro das narrativas, já que os depoimentos orais permitem

a vivacidade típica dos documentos pessoais, o entusiasmo de alguém que relata a sua própria experiência, a tal ponto empolgado que a sua narrativa colore o passado de modo único, dando uma nova vida a eventos que de outro modo pareceriam distantes (ALBERTI, 2004). Assim, são realizadas as rodas de memória, que se tratam de grupos informais, pensados tão somente com a finalidade de reunir as pessoas para exercitar o prazer de recordar, reunir, reencontrar, sonhar e relembrar. E também esquecer o promover a catarse daquilo que não se queira lembrar.

O Programa tem como um de seus objetivos específicos o estabelecimento de processos de comunicação que possam fornecer as condições necessárias para que os sujeitos cuja história de vida se deu nos entornos do Museu, possam se reconhecerem e serem reconhecidos, enquanto pessoas que fazem parte de um fato museal, material ou imaterial. Entende que deve fomentar o respeito ao passado, real ou imaginário, o sentimento de pertencimento a um dado grupo, a consciência coletiva e a preocupação com a individualidade, com a memória e com a identidade, cujos registros se constituem no patrimônio do grupo, e necessitam ser preservados e compartilhados com as novas gerações.

O Programa tem seu suporte teórico no conceito de patrimônio definido pela Declaração de Caracas, do ICOM, de 1992 (CADERNOS..., 2014), que considera como tal o conjunto de todas as expressões materiais, imateriais e espirituais que caracterizam uma nação, região ou comunidade (PRIMO, 1999). Enquanto as expressões materiais referem-se a elementos concretos, as imateriais e espirituais, incluem o intangível e o impossível de ser tocado fisicamente, tais como os saberes, fazeres e as celebrações. Do mesmo modo, o material possui historicidade, significado e simbologia que se constituem no plano do intangível. Assim, o material e imaterial estão sempre interligados. Por outro lado, quando se fala em cultura não se pensa apenas nas representações antrópicas, mas também no meio ambiente em que a vida humana acontece. O patrimônio cultural, nesse sentido, inclui também o patrimônio natural da humanidade.

Hugues de Varine e Odalice Miranda Priosti (2007) destacam que as ações dos museus comunitários, ao invés de se vincularem aos acervos, trocaram de foco, voltando-o para as pessoas de seu entorno. A noção de patrimônio também mudou, deslocando-se prioritariamente para as relações cotidianas, para a própria dinâmica da vida humana em interação com outras formas de vida. A diversidade cultural, a biodiversidade e a biosfera passaram a fazer parte da problemática do patrimônio. Desse modo, o conceito de patrimônio, antes restrito ao acervo do museu, abriu a porta e as janelas e saiu para a rua, para o mundo, para o planeta. Fez-se saltimbanco, vira-mundo, sem fronteiras, nem bandeiras.

Diálogos e troca de saberes

A fim de que se permitam diálogos efetivos entre a Universidade, o Museu e a comunidade, o Programa encontrou um dos pilares de sua sustentação teórica, dentro desse processo de comunicação, no papel atribuído às emoções por Maturana (1998), que as define como um dos traços mais importantes do ser humano, e que precisa estar totalmente encadeado com a razão. Sem a conexão entre ambas, o conhecimento a ser produzido, as práticas pedagógicas e as atividades a serem realizadas, teriam uma dimensão conservadora, própria da ciência tradicional, com seus traços de exagerada racionalidade, em detrimento das demais dimensões que nos torna humanos.

A interação do museu com seus públicos se tornou mais complexa para poder dar conta das especificidades, interesses e contextos em que atuam. Ao refletirem esse fenômeno, as ações propostas passaram a contemplar os problemas, as contradições e o patrimônio das minorias. O cotidiano, expresso através de parcerias com sindicatos, cooperativas e demais entidades representativas de grupos sociais, atravessou as portas e entrou nos museus, a partir da Museologia Social, que, desde a década de 1990, vem, de modo provocativo e dialético, insistindo no papel dos museus como espaços de desenvolvimento e mudança social, deixando de ser

templos para se tornarem fóruns. Portanto, a pesquisa, preservação e comunicação, em interação, com as emoções dos sujeitos, devidamente questionadas e problematizadas, constituem-se em vetores da produção de um novo tipo de conhecimento dentro do Programa, que contribuísse diretamente para a construção de uma sociedade mais ética, mais equitativa e solidária.

Dessa complexidade, resultou um processo de desenvolvimento e mudança social, frutos de um gradual projeto educativo, que contribuísse para capacitar os sujeitos a transformarem a sua realidade. O Museu, assim pensado, tornou-se um lugar de permanente comunicação e de trocas de saberes. Nesse processo, conforme Primo (1999), a eficácia de suas ações é medida pela representatividade que consegue criar e manter junto à comunidade em que se insere. É o que a Nova Museologia identifica como sendo a Museologia Social, que se volta primordialmente à valorização do homem enquanto sujeito de sua própria vida, crítico e consciente de sua realidade, o que transcende, em grande escala, a valorização da cultura imaterial quando desvinculada da realidade social.

Produção de conhecimentos & inclusão social

A produção desse tipo de conhecimento, mais inclusivo, coletivo e humano, baseia-se numa via dupla entre universidade e comunidade, função da extensão universitária. É o que Santos (2009b) denomina de extensão em ação, ou seja, no conhecimento se produz através da troca de saberes. Flecha e Tortajada (2000, p. 34), insistem que a educação na sociedade da informação baseia-se “[...] na utilização de habilidades comunicativas, de tal modo que nos permita participar mais ativamente e de forma mais crítica e reflexiva na sociedade”. Hoje, as escolas se transformaram em comunidades de aprendizagem, apoiadas nos conceitos de educação integrada, participativa e permanente. Os processos educativos são contínuos e permanentes e não se esgotam no ambiente escolar, numa forma combinada e transversal entre o conhecimento acadêmico, o prático e o comunicativo.

Trata-se de um processo que tem o seu referencial no patrimônio cultural, que é o suporte para que a ação educativa se operacionalize. A escola é uma instituição que faz parte do patrimônio cultural, nutrida pelos diferentes patrimônios culturais, representados pelo conhecimento produzido e acumulado ao longo dos anos, ou seja, na tradição, que é também um processo de construção e reconstrução (SANTOS, 2009_a, documento eletrônico). Logo, a educação se apoia na construção e reconstrução do patrimônio cultural, e o processo museológico integra-se ao educativo, de modo entranhado, complexo e indissolúvel.

Em busca da utopia: reflexões em torno de uma trajetória

Desde a sua criação, o Programa envolveu moradores, professores, estudantes, técnicos da instituição, que, ao participarem das atividades talvez tenham passado a refletir mais em torno das alternativas de que dispõem, como cidadãos, de transformação do lugar em que habitam, da superação dos problemas socioeconômicos que enfrentam, e, enfim, das perspectivas que podem construir para um futuro melhor. Como diz Edgar Morin (1998), desejar um mundo melhor, que é o que estamos tentando fazer, não é desejar o melhor dos mundos. Apenas um mundo mais inclusivo justo e feliz para viver. A estratégia utilizada foi a realização de oficinas de Educação para o Patrimônio, que passaram a utilizar objetos pessoais, da comunidade e da instituição como fontes de informação. Ocorreu manipulação de documentos, fotos, jornais antigos, vídeos etc., pelos participantes. Foram realizadas pesquisas junto à comunidade para avaliar a compreensão da população no que concerne a museu, patrimônio e memória. E assim, foram criados quatro projetos: rodas de memória, museus de rua, ações de educação para o patrimônio e Lombatur, cujos resultados permitiram que o Programa fosse contemplado com recursos do PROEXT/MEC 2010².

As rodas de memória se constituem no registro das narrativas de pessoas identificadas por sua inserção na história e inserção na vida da comunidade. Os museus de rua, por sua vez, constituem-

se na proposta de criação de um museu de percurso que, através de exposições montadas nas ruas e locais públicos, divulguem as memórias dos moradores das trinta e três vilas populares surgidas no Bairro a partir da invasão de terras públicas. As narrativas, assim musealizadas, são discutidas, comentadas, compartilhadas pela comunidade, que, desse modo, se apropria de sua própria história. O projeto de educação para o patrimônio, por sua vez, é realizado através de *workshops* de educação para o patrimônio, com o objetivo de recuperar e história local e participar da (re)construção da memória individual e coletiva da comunidade, através do incentivo a ações concretas de mudança social. Finalmente, o projeto Lombatur é uma rota de turismo comunitário que se propõe a aproximar a noção de patrimônio e inclui locais de visita apontados pelos próprios moradores. Nessa linha, os conceitos de patrimônio e de território se integram, através da valorização do capital simbólico constituído pela vida cotidiana, pelas relações que se estabelecem entre as famílias, vizinhos e líderes comunitários. Isso faz com que os moradores se (re)conheçam e assimilem o patrimônio do território. Em consequência, o Museu e a Universidade, numa tessitura complexa entre ensino, pesquisa e extensão, passaram a atuar no processo de reversão da baixa autoestima e dos índices de vulnerabilidade social da comunidade. Talvez, com isso, as pessoas poderiam acreditar mais em si mesmas e de se tornarem protagonistas de suas próprias vidas.

Embora na perspectiva do Programa, falar-se em quantificação seja algo indesejável, pouco sensível e inadequado às perspectivas paradigmáticas em que se fundamenta, para fins de avaliação institucional, apontam-se aqui alguns números, obtidos no período 2009-12, que permitem algumas reflexões: 23 disciplinas, 30 professores e 30 alunos envolvidos; cerca de 2000 pessoas do Bairro; das ações realizadas, resultaram vinte e seis trabalhos apresentados em eventos acadêmicos, dois artigos publicados em periódico científico e dois documentários. No âmbito do ensino, foi defendida uma tese de doutorado³, e concluído um trabalho de conclusão em Museologia⁴. Portanto, percebe-se, através deles, que

a imersão acadêmica, na perspectiva de integração entre ensino, pesquisa e extensão, foi contemplada.

O ano de 2012 foi decisivo para o Museu da Lomba, ao ser criado, junto a ele, o Ponto de Memória da Lomba do Pinheiro. Intensa mobilização comunitária, apoio financeiro do Instituto Brasileiro de Museus, realização do inventário cultural da Lomba do Pinheiro, montagem de uma significativa exposição reunindo todas as vilas populares do Bairro. Todavia, o resultado mais significativo foi a produção do mapa cultural da Lomba do Pinheiro, em que, pela primeira vez, são localizadas todas as vilas populares do Bairro, invisíveis nos mapas políticos de Porto Alegre. E, dentro dele, o inventário dos pontos de interesse turístico, que delinearão o percurso do Lombatur, contribuiu significativamente para o reconhecimento e a construção de uma nova imagem para o Bairro. Todavia hoje o Ponto de Memória e o Museu Comunitário se separaram, num doloroso processo que somente trouxe prejuízo para a comunidade, que merece ser revisto e melhor interpretado.

A Atopia ou a reconfiguração do sonho

No ano de 2013, o Programa foi novamente contemplado com recursos do PROEXT/MEC. Isso permitiu a manutenção de uma equipe de alunos do curso de Museologia permanentemente envolvida com o Museu Comunitário, sob coordenação docente e de um museólogo⁵. A utopia deu lugar à atopia, a partir do momento em que uma redefinição de rumos foi sendo feita, em que praticamente somente a Universidade assumiu praticamente todas as atividades do Museu. O IPDAE, como instituição mantenedora, garante as despesas necessárias para mantê-lo aberto, e contratou uma das alunas como responsável por seu funcionamento.

Nesse período, a ênfase se deu na atuação junto à comunidade escolar, num planejamento elaborado de forma autônoma e participativa pelos próprios alunos da Universidade, promovendo ações que viabilizassem diálogos em torno do tema patrimônio local entre os alunos e professores, de modo a facilitar uma verdadeira

apropriação das memórias, das pessoas e do território como seu patrimônio cultural. A utopia, nesse caso, se constituiu na busca de alternativas para que os alunos realmente se sentissem pertencentes ao bairro, e se orgulhassem disso.

A primeira ação foi tornar a rota de turismo comunitário uma opção permanente, a ser repetida sempre que um grupo se interessasse em realizá-la. Desse modo, o Lombatur foi sem dúvida o ponto alto dessa nova etapa, com percurso inventariado pelos próprios moradores e mediado pelos alunos da Universidade, que propõem questionamentos sobre o reconhecimento do bairro como patrimônio pelas pessoas.

Outra atividade muito importante foi a série de oficinas de Educação para o Patrimônio, num total de três oficinas que se repetiram mensalmente, durante todo o ano, com tal sucesso que hoje foram integradas à programação permanente do Museu, a saber:

- a) Oficina de mapa: Propõe-se a montar, de forma coletiva, um mapa com os principais pontos da Lomba, como estratégia de abordagem dos conceitos de identidade e de pertencimento. O mapa é desenhado e pintado, e, a seguir, são marcados nele os pontos que cada um reconhece como sendo os mais importantes da Lomba do Pinheiro, justificando suas escolhas. Percebe-se, nela, o quanto as crianças conhecem ou não o lugar onde moram, aquelas que só circular no roteiro da casa para a escola, e as outras que têm uma noção mais ampliada do território.
- b) Quem sou? Inicia com a contextualização histórica de como a Lomba do Pinheiro surgiu, com um material de apoio, elaborado pelo Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, onde se analisa a subdivisão do Bairro em vilas, inexistentes nos mapas oficiais da cidade. Segue-se jogo de perguntas e respostas onde se tenta descobrir os nomes das vilas, identificar aquela em que cada um mora e falar sobre ela, dizendo o que tem de bom e de ruim.
- c) Oficina de Arqueologia: Inclui uma aproximação conceitual com essa área, como é feita, qual sua importância, e seus

desdobramentos dentro das outras áreas do conhecimento. São abordados os conceitos de história oral, patrimônio material e imaterial, lembranças e narrativas. Conversas acontecem sobre tradições, culturas diferentes das que as crianças já conhecem, preconceitos, formas de ver o mundo. Num segundo momento é pedido às crianças que identifiquem em suas casas a existência de caixas que possuam objetos antigos, para serem apresentados ao grupo. Daí decorrem interessantes diálogos sobre os objetos e suas funções.

Desse modo, 2013 se caracterizou como o ano dos alunos, sejam aqueles das escolas locais, sejam os da equipe de trabalho. Se os primeiros participaram ativamente de todas as ações realizadas, atingindo números muito significativos, os últimos encontraram no Programa um espaço de diálogo ente a Universidade e a sociedade, numa prática de Museologia Social que só é possível de ser exercida fora dos muros acadêmicos, na própria visão dos alunos:

As experiências vividas durante 2013, pelos alunos só podem ser vistas, como a melhor forma de se entender a Museologia Social, a Educação para o Patrimônio, a busca de conhecer os saberes estudados na sala de aula, entre paredes e somente paredes. Quando vamos ao local, vivemos a realidade da comunidade, as opiniões mais diversas, as abordagens, os olhares das crianças para nós enquanto alunos, inseridos em algo fora do nosso contexto usual, esses olhares que mudam durante o processo de aprendizagem e apropriação do saber. Olhares que se voltam para nós hoje não como alunos, mais sim como meios de informação, meios de diálogos, como um meio do conhecimento, o vínculo estabelecido pela confiança, de estar conversando e trocando ideias com alguém que realmente que ouvir [...] fazer a Museologia Social demanda tempo, carinho, dedicação e persistência. Nós, enquanto aprendizes, fomos atrás de atividades, aprimoramos o exercício da paciência, e colhemos os primeiros resultados do ano de 2013, com a confirmação dessas oficinas pelas crianças que estiveram conosco durante todo o processo. Fomos responsáveis em mostrar o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, que ele está ali para a comunidade, aberto, um lugar de conversa, um espaço para a convivência de todos⁶.

Portanto, a atopia, ao invés de representar o fim da utopia, representa apenas uma mudança nos rumos, talvez uma redução nos alcances dos sonhos inicialmente sonhados, mas não o fim do processo. O museu continua comunitário? Onde está a gestão participativa? Se perderam em meio a um burburinho de interesses divergentes, de choques e de rivalidades entre diferentes grupos de poder comunitário. Talvez retornem num momento próximo, ou não. Hoje, evidencia-se que o Museu da Lomba é, mais do que tudo, uma extensão do campus acadêmico.

Acreditamos que, sem a presença da Universidade, o Museu teria fechado suas portas. Mas se isso tivesse acontecido, qual seria a atitude da comunidade? Eis uma incógnita, que fica sem resposta, pelo menos no momento.

Considerações finais

Enfim, como os dados até aqui apresentados já revelaram, o Programa se vem permitindo diálogos entre o ensino, a pesquisa e a extensão na perspectiva de geração de um processo participativo, gerenciado através da extensão universitária. As ações contribuíram para transformar o Museu no lugar em que a comunidade se encontra consigo mesma, com suas memórias e esquecimentos. As narrativas colore suas vidas. E mais, contribuem para o fortalecimento do sentimento de pertença, aumento da autoestima. Acima de tudo, mostra que são sujeitos das próprias histórias, responsáveis pela escritura de um futuro melhor, ou, pelo menos, mais pleno de sonhos.

O encadeamento das disciplinas, alunos e professores da Universidade, se confunde com a própria trajetória do curso de Museologia, ao se constituir num espaço de discussão dos currículos e linhas de pesquisa acadêmica. As estratégias de ação, em especial a realização de rodas de memória com os moradores, a montagem de museus de rua, a execução de oficinas de educação para o patrimônio e a implementação de um sistema de turismo interno no bairro, através do Lombatur, já foram apropriadas pela comunidade

como mecanismos de desenvolvimento e mudança social. No que se refere à dimensão investigativa, os seus resultados permitiram um processo de permanente empoderamento comunitário, através de exposições itinerantes, *blog*, documentários, bem como pela inserção no currículo das escolas públicas do bairro. E, na esfera acadêmica, as indagações, reflexões e conhecimentos produzidos nesse processo vêm sendo divulgados em eventos acadêmicos de âmbito local, nacional e internacional, realizados pelos alunos e professores envolvidos no Programa.

Concluimos que ele se constitui numa estratégia de inclusão social em comunidades periféricas, mas com laços tênues, que exigem um programa permanente e sistemático de ações comunitárias, pensadas, executadas e avaliadas pela própria comunidade, em conexão direta com a Universidade, mas não só pela Universidade. E que é possível integrar o ensino da sala de aula com a ação da comunidade, concretizada através de reflexões teóricas e metodológicas sobre um processo de mudança e desenvolvimento social, na perspectiva da Museologia Social.

Notas

* Graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestrado em Educação pela UFRGS e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professora Associada da UFRGS, professora convidada da Universidade Holística Internacional (UNIPAZ) e coordenadora do Programa Ilha da Pintada: Mulheres, Trabalho e Memória, na Ilha da Pintada, bairro Arquipélago, em Porto Alegre, RS.

1 Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/atopia#ixzz2sS4ZBGkX>>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2014.

2 O PROEXT é um edital do Ministério da Educação que, mediante processo seletivo do qual participam experiências de extensão universitária de todo o País, contempla aqueles projetos de extensão que melhor caracterizam ações de inserção das universidades na busca de alternativas para solucionar problemas da sociedade brasileira. Trata-se da mais efetiva fonte de recursos para a atividade extensionista de que hoje as universidades públicas brasileiras hoje dispõem.

3 KIEFER, Marcelo. Permanência, identidade e re-arquitetura social. Porto Alegre, PPG Arquitetura/UFRGS, 2013 (Tese de doutorado em Arquitetura)

4 MINUZZO, David Kura. Lomba do Pinheiro, memória, informação e cidadania: vozes, olhares e expectativas de seus agentes e atores sociais. Porto Alegre, FABICO, 2011 (Trabalho de conclusão do curso de Museologia.)

5 Museólogo Elias Palminor Machado, UFRGS, vice-coordenador do Programa.

6 Aldryn Brandt Jaeger, Aline Escandil de Souza, Manuela García Moraes, Guilherme Felipe Ribeiro Gomes Silva, Guilherme Gutierrez Saldanha, equipe de bolsistas do Programa responsáveis pelas atividades aqui relatadas relativas ao ano de 2013.

Referências

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar: Textos em História Oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Política Nacional da Cultura**. Brasília, DF: MINC, 1974.

_____. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Brasília, DF: IPHAN, 2007.

FLECHA, Ramón; TORTAJADA, Iolanda. Desafios e saídas educativas na entrada do século. In: **A Educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**/ org. Francisco Imberón; trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

ICOM. Declaração de Caracas, 1992. In: **Cadernos de Sociomuseologia**. Lisboa, Universidade Lusófona, v.15, n.15(1999). Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/345>>, Acesso em: Fev. 2014.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Trad. José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte, MG: Humanitas/Ed. UFMG, 1998.

MORIN, Edgar. MORIN, E. **Ciência com consciência**. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

PRIMO, Judite Santos. Pensar contemporaneamente a Museologia. **Cadernos de Museologia**. Lisboa: Universidade Lusófona, n.16, 1999. p.35. Disponível em : <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/viewFile/512/415>>.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 2.ed. São Paulo : Cortez, 1996.

SANTOS, Maria Célia. **Museus e educação: conceitos e métodos**. Documento eletrônico. Disponível em: <http://www.rem.org.br/download/MUSEU_E_EDUCACAO_2.pdf>. Acesso em: 20 Jul. 2009a

Entre a Utopia e a Atopia: a experiência do Programa Lomba do Pinheiro, Memória, Informação & Cidadania, Porto Alegre-RS - Ana Maria Dalla Zen

SANTOS, Maria Célia. **Museu e comunidade: uma relação necessária.** Documento eletrônico. Disponível em: <http://www.rem.org.br/download/MUSEU_E_COMUNIDADE_2.pdf> Acesso em: 20 Jul. 2009b

VARINE, Hugues de; MIRANDA, Odalice Priosti. O novo museu das gentes brasileiras: criação, reconhecimento e sustentabilidade dos processos museológicos comunitários. **Cadernos de Museologia.** Lisboa: Universidade Lusófona, n.28, 2007. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/viewFile/512/415>>

_____. **Raízes do Futuro.** Porto Alegre: Medianiz, 2012.

Recebido em 6 de fevereiro de 2014.

Aprovado em 28 de março de 2014.

Abstract

The author analyzes an interactivity experience between teaching, research and University extension done by the Museology Course of Rio Grande do Sul Federal University, in partnership with the Lomba do Pinheiro Community Museum, in Porto Alegre, State of Rio Grande do Sul, titled "Lomba do Pinheiro: memory, information and citizenship Program". It is a program created to construct, in a process of participative management between the University, the Lomba Community Museum and the population of the Lomba do Pinheiro neighborhood, alternatives for the recovering the social memory and individual life histories of the neighborhood 's residents. By supporting the strengthening of the feeling of belonging, valuing the self-esteem and the empowerment of the territory by the community, it aims to contribute to the reversion of the high rates of socioeconomic exclusion of the attended people. Using oral history methodology, in the form of a research-action, it included Memory circles with old residents, travelling exhibitions, on the form of street museums, heritage education workshops and a program of local ecological tourism. The results reveal that the experiment has been successful in the connection between teaching, research and university extension in overcoming social problems. It involved, in the academic sphere, twenty-five disciplines, thirty scholarship students, thirty teachers of the course of Museology, and in the community sphere, approximately three thousand people. The reach of the project may be measured by the high rates of participation and involvement of students of Lower and middle school, teachers and housewives in all of the participative planning process and in the developed actions. The conclusion is that the initiative is an adequate strategy for integrating classroom teaching in a Project of community action, materialized through theoretical-methodological reflections on an integrated process of teaching, research and University extension.

Keywords: Museology. Educational action. Community Museums. Immaterial heritage.